



Ecos d'África

Terras que muitos fecundaram com o suor do seu trabalho

SEM que nunca tenhamos feito um apelo formal em prol do nosso regresso a Moçambique e a Angola, é consolador constatar como esta opção tem sido assumida e ajudada pela *Família de fora* — o que revela igualmente, subentendido ou expresso, o carinho que a nossa gente tem por essas terras que muitos fecundaram com o suor do seu trabalho e amaram e continuam amando na dor da separação imposta pelos desvarios dos homens.

Não há dia que o correio nos não traga manifestações de simpatia e de comunhão consumada na partilha quase sempre sacrificada de quem vive de salários modestos ou de pensões pouco mais que simbólicas. Assim, esta carta de Mogadouro, de um casal e sua tia que é pensionista rural e se priva do seu subsídio de férias, como o casal de suas parcas economias, «para a reconstrução das Casas de África». E acrescenta: «É pouquinho, mas dado com muita alegria e com uma oração ao Senhor Jesus, que a todos dê força e coragem e muita fé para não desanimarem. Retribuímos o abraço amigo do Benjamim, de Benguela, que se

Continua na página 3

SETÚBAL

Os nossos formidáveis tribunais

NÃO me admira nada que o Padre Américo, diante da beleza da Obra que Deus gerou em seu coração — Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes — exclamasse ao extasiar-se na contemplação de um tribunal feito por eles! «Gosto dos tribunais, dos nossos formidáveis tribunais!» Um acto destes, dirigido por eles, diante de todos, em plena sala de jantar, depois de uma gostosa refeição, atinge níveis de fecundidade ímpar!

Finais de Agosto. O calor aperta. Nas horas de sol escaldante não se pode andar no campo.

As ocupações dentro de Casa passam para os oitenta que já gozaram os dias de praia.

Os mais pequenos dormem a sesta. Para além das obrigações do refeitório, copa, cozinha, rouparia e construção civil, são poucos os trabalhos à sombra, capazes de ocupar o espírito dos rapazes. A preguiça continua a ser a mãe de todos os vícios e a ociosidade fonte de muitas tentações.

«Vinagre» soube que «Bandulha» tinha um saco de bugalhos, guardado na rouparia. Arquitectou o modo de os fazer seus. Por um vidro partido da janela

da sala da roupa, abriu o caixilho, saltou, apoderou-se dos ditos e foi enterrá-los debaixo de uma laranjeira.

«Bandulha» morria de desgosto e a todos se queixava do assalto na mira de descobrir o ladrão dos seus bugalhos.

«Vinagre» não cabia em si de contente pelo tesouro escondido e foi buscar uns tantos para jogar com os amigos. Pronto. A notícia propagou-se mais rapidamente entre a malta, do que aquelas que a TV nos traz: — Eh pá o «Vinagre» assaltou a rouparia!

«Bandulha» é um rapazinho arrumado, cui-

dadoso, responsável, apesar da tragédia que marcou a sua infância. Basta-me olhá-lo para me encher de alegria.

«Vinagre» é exactamente o contrário. Pelo muito que tem conseguido em desembaraçar-se dos múltiplos defeitos e pela sua pobreza humana, enche-me de ternura.

O chefe estava na praia. O sub-chefe fora a um casamento. A autoridade não caíu em Casa.

«Bê», chefe da casa 4, foi encarregado do comando da vida. Tudo em ordem com «Bê» à cabeça. Este é um líder nato, de consciência pura. Impõe-se

aos rapazes com a mesma facilidade com que um pianista domina o seu instrumento! A sós chama o «Vinagre» que nega a sua proeza, e se denuncia, fugindo. Não vem almoçar. A fome não o amedronta. Há muita uva pelas vinhas!

«Bê», contristado, vem dar-me conta de tudo.

Consolei-o: — Não sofras, homem, ele aparece!... Cá por dentro, sabe Deus como eu fiquei!... A história horrível, dos primeiros anos do «Vinagre», dominou completamente a minha tarde!

Continua na página 3

MALANJE

REFLECTINDO

OS verdadeiros profetas preocuparam-se mais com a justiça do que com as profecias. Por ela, S. João Baptista foi decapitado e Elias andou quarenta dias e quarenta noites... Justiça — conformidade com a lei. E quando movida pelo Espírito Santo, as obras da Luz são fruto dela.

Um amigo, angolano, vem visitar-me muitas vezes: Alto, a barba grisalha faz os seus olhos mais vivos; o seu aspecto é digno e afável. É membro da Igreja protestante. Se não tem o dom da profecia, recebeu de Deus o dom da Justiça cristã.

Desta vez falou-me sobre os falsos pastores. Teria lido Santo Agostinho?! Exactamente o mesmo sentir por palavras mais simples: «Não sabem da ovelha que se perdeu; não a tratam nem a fortalecem». Somente, a preocupação de si próprios, família e coisas.

Ele teve a coragem de dizer isto mesmo em voz alta... Por tal, não é bem querido. É o preço da verdade.

Cá dentro

• Com a noite desce sobre a nossa Aldeia um certo véu de incerteza e ansiedade.

Para quando a paz?
Os bens para todos?
O cumprimento das leis?
A não violência?
O respeito pelos Outros?

Tão longe! Caminhos longos para percorrer... Tem que haver um começo. Sinto que já foi, embora os cacimbos não deixem ver ainda os carreiros.

Duas coisas que o cristão não pode esquecer: a confiança no Senhor e a oração persistente.

• Às seis e meia da manhã, com o sol a despontar, começamos, renovados e cheios de esperança, o novo dia: são os porcos, as vacas, galinhas e patos, os acabamentos da Capela, a reparação do telhado da

Continua na página 4



Nos tempos livres, das Casas do Gaiato, o futebol é rei. Curiosamente, este flagrante parece uma cena de ballet!

Conferência de Paço de Sousa

UM CASO — Para além de se acudir a necessidades afilivas, de gente no limiar da pobreza absoluta, topamos outras, motivadas pela sociedade de consumo, que obrigam a específica actuação. O serviço dos Pobres é uma escola de formação permanente!

Curiosamente, nos meios vocacionados para os problemas sociais, já se dá fé dos males... que surgem, por arrastamento, em países ditos em vias de desenvolvimento.

Aqui temos um, após outro...!, em curto espaço de tempo: Aborda-nos um casal jovem. O marido exerce profissão em área bem remunerada. A mulher, noutra ocupação. Dois salários. Mas, atrasaram... o pagamento da energia eléctrica — e peroram ajuda!

No salutar encontro fomos, delicadamente, ao âmago da questão, sublinhando não haver razões para o débito. Que somos especialmente vocacionados para os mais pobres, etc.

O homem fica impávido, sereno. E concluímos: — Resolvam da melhor forma. Por que não, discretamente, pelas vossas famílias? Orientem bem a vida... Cinjam-se ao vosso rendimento!

Ele baixa a cabeça. Aceita a sugestão. E seguem em busca de solução, convencendo-se que não deverão mais chegar a este ponto. Salvo na eventualidade duma doença ou de qualquer outra fatalidade.

PARTILHA — A habitual oferta do casal-assinante 11902, de Fundão. Aida, de algures: «Meus irmãos. Para ajudar uma necessidade urgente, de preferência para velhinhos. Tenho pena ser tão pouco. Um abraço para todos». E cheque, de cinco contos. Assinante 32928, de Lisboa: «Hoje peço licença para enfileirar no grupo de Amigos da Conferência de Paço de Sousa, com esta pequena lembrança (dez contos), partilhando assim, com os vossos Pobres, o meu subsídio de férias».

Assinante 9708, de Coimbra: «Junto cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Como sempre, sendo necessário, para medicamentos ou o que for mais urgente. É por alma de meus Pais». A carta traz uma citação: «Feliz aquele que arranca de si o coração de pedra e toma um coração de carne, capaz de se condoer das misérias do Pobre».

Remanescente de contas com O GAIATO, da assinante 9701, da Capital. Assinante 32986, do Porto: mais um cheque, «com a amizade de sempre, destinado, de preferência, à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». O costume, do assinante 17258, «para pagamento da renda de casa da viúva». Outro cheque, de quem «agradece o anonimato, para aliviar, um pouco, alguma das muitas necessidades dos Pobres». Agradecer o anonimato revela delicadeza d'álma, vida interior!

«Avó dos cinco netinhos», de Setúbal: «Aqui vai a minha tão pequenina contribuição mensal. É com todo o carinho que o faço e gostaria de mandar muito mais».

«A partilha habitual», da assinante 31104, e um desabafo salutar. Cheque, do assinante 9224, de Vila Franca de Xira, «leitor d'O GAIATO e assinante de longa data». Cinco contos, de «Velha Amiga de Figueira».

Pelas CASAS DO GAIATO

Assinante 13245, do Porto, «mi-galinha que de todo o coração ofereço» — por alma do marido. Dez contos, do casal-assinante 3107, de Lisboa: «É preciso que o Espírito Santos nos dê a Sua Luz e Vida». Muito bem! Mensagem do assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Incluo pequenina ajuda», pedindo «uma oração ao Senhor por todos os nossos irmãos vítimas da guerra e da fome». Tão oportuna!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FRUTA — Temos a fruta madura. Já saboreamos maçãs e peras, da nossa quinta, nas refeições. Mas toda a que esteja sujeita a apodrecer, é aproveitada para doce.

Brevemente será a vindima. Uma actividade que delicia a

maior parte da comunidade. No entanto, prevemos uma colheita menos farta que o ano passado.

ESCOLAS — As aulas estão à porta! A malta fala nelas e, claro, nos respectivos professores...

Que os estudantes saibam aproveitar — e bem — para, quando maiores, terem suficientes qualificações para um bom emprego.

FÉRIAS — Terminaram! Os últimos ocupantes da nossa casa, na praia de Azurara, foram os distribuidores d'O GAIATO. Nos respectivos turnos — por força da distribuição do nosso Jornal — perderam vários dias de descanso e, agora, mais uma vez, beneficiaram da lei das compensações. Merecem!

OBRAS — Na casa 1, da nossa Aldeia, prosseguem em bom ritmo! É bom que assim seja. Vem lá o Inverno... De facto, uma Aldeia como a nossa, com tantos edifícios, está sujeita a permanentes reparações, que não ficam baratas!

Vítor Manuel («Vitinho»)

BENGUELA

OBRAS — As obras na casa-mãe seguem lentamente, pois os tubos de água estava todos entupidos. Brevemente, ficará tudo pronto.

LAVOURA — Os trabalhos, neste sector, decorrem a cem por cento. Já temos plantados quatro hectares de tomate, três de cebola e um bom bocado de repolho e pimentos. Vamos ter cebola e tomate para consumo e para vender. Há outro campo, também já pronto, para semearmos batata. São cinco hectares.

GADO — Há dois dias, ofereceram três porquinhas e um macho para as nossas pocilgas — fartas de estar vazias.

O nosso rebanho será aumentado com mais seis ovelhas, que estão a pedir licença para entrarem na nossa Aldeia, oferecidas por um cavalheiro amigo.

Quanto à vacaria, na mesma. Em breve virão cinco vacas leiteiras e um boi. Teremos leite para nós!

De momento, não tenho mais notícias. Estamos todos muito contentes. Mando um grande abraço em nome de toda esta equipa.

Benjamin

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Em época de férias, para uns é período de descanso e lazer, depois de um ano de trabalho, mas temos de admitir que nem todos podem usufruir desse prazer e muitos nem sabem o que isso é porque passam a vida a trabalhar e os frutos são sempre os mesmos.

Muitos não sabem poupar e, os poucos que pouparam, lutam contra a fome e necessidades familiares.



O grupo malanjino em Portugal

Encontro de antigos gaiatos de Malanje

Lá no alto do Castelo de Palmela absorvemos um pouco da doutrina de Pai Américo e sentimos a nossa Casa do Gaiato de Malanje tão perto que até tocámos no cruzeiro: «sobe pedrinha sobe»; e vimos o Padre Telmo, com suavidade, abrir o sacrário e colocar o cálice sobre o Altar.

Também vimos a bela casa-mãe e a nossa lagoa a encher, enquanto o Padre Telmo, com muito carinho, calcava o aterra e dava nova esperança no renascer duma terra queimada pelo ódio e pela guerra.

E, assim, a Obra da Rua continua, lentamente, nas terras de um continente onde a fome, doença e miséria são o quotidiano dos nossos Padres Telmo, Manuel e José Maria.

O Fernando Dias, Pedro, Quim Vieira, Tavares, Nelo, Manuel Barrigas, Falcão, Tomás, Zézito, respectivas esposas e filhos não perdem um encontro. É bonito ver a alegria dos seus olhos e sentir que estamos em família. O João Morato e Quim, meu irmão, a residir na Madeira, não estiveram presentes mas enviaram a quota anual. Porque não fazes o mesmo? Nós, através do Tomás, prestamos contas.

Os três borregos que os meus amigos srs. Manuel Luís, Parreira e Vilela, de Vendas Novas, nos ofereceram foram a delícia

das nossas refeições e também fizeram lembrar o tão querido Fernando, de Dange-ia-Menha.

A Casa do Gaiato de Setúbal cedeu as instalações do Lar para pernoitar e confeccionarmos as refeições e Paço de Sousa matou-nos a sede com uma boa «pinga».

O Padre Cristóvão, do Tojal, deslocou-se propositadamente para apresentar o homem que nos faltava e falou do Padre Telmo com muito carinho. Chamou a atenção para o amor à Obra da Rua, às Casas do Gaiato de África, e lembrou que Padre Telmo também é nosso pai. No fim, e logo que as obras da casa de férias do Tojal terminem, oferecerão instalações para um próximo Encontro. Muito obrigado.

O próximo, a realizar em Coimbra, está entregue ao Quim Vieira, Manuel Barrigas e Pedro. Estaremos presentes para nos rirmos, com alegria, das travessuras do Tavares. Eu, Fernando Dias e Tomás, com ajuda do Pedro, fizemos, este ano, o nosso melhor.

Padre Telmo: Como pode observar, é o que temos, de momento, para apoiar a nossa tão querida Casa do Gaiato de Malanje. Solicite aos antigos gaiatos, a residir em Angola, que nos façam chegar notícias. E receba saudades destes seus filhos e netos. Um grande abraço do Manuel Fernandes

Neste momento estamos a tratar de um casal novo com dois filhos. Ele é tuberculoso, há vários anos, e vigiado pelos médicos. Desempregado, sempre que pode plastifica documentos na rua. A companheira tem problemas de saúde. Vivem num barraco. Os filhos são muito franzinos. Cabe à avó, também nossa Pobre, tomar conta de um deles. Não recebem qualquer rendimento fixo. No entanto, tentamos o abono dos filhos. Mas casos como este, se lermos os jornais, são frequentes. Por vezes a dificuldade é arranjar soluções rápidas. Por exemplo, se não têm rendimentos como podem pagar a renda de uma casa? A vida é tão dura para alguns e a nós, que os conhecemos, custamos acreditar que haja tantas injustiças; mas temos que ser fortes e pedir a Deus que nos ajude a superar todas as situações.

Para quem já leu o livro do nosso querido Pai Américo, *Pão dos Pobres*, a determinada altura escreve: «A vida do Pobre, difícil em todos os tempos, neste que atravessamos atinge proporções de calamidade. Além de muitos lares desfeitos onde queimo as horas do dia, outros começam a desmoronar-se por causa dos bens mal guardados ou mal distribuídos. Não são para contar aqui as lições de resignação que ouvimos dentro dos pardieiros com olhos rasos de lágrimas nem tampouco podemos medir a fatura das palavras e dos queixumes dos nossos visitados. Não são para contar, que a dor deve ser respeitada, mas são para sentir e atizar o zelo de quem os visita. Oh, não queiras ser tão insensato, trocando pelo amor a Deus o amor que deves ao teu semelhante! Nem tomes por injúria o nome que os apóstolos da Ressurreição chamam aos que assim fogem; pois muito bem pode acontecer que tu tenhas o mesmo nome e sejas um mentiroso quando bates no teu peito e dizes que amas muito a Deus, sem queres saber dos que batem à tua porta por necessidade.

Olha para as feridas do teu irmão e acredita que talvez elas hajam sido feitas justamente por via desse teu amor a Deus; e daí vem a mentira que tu és».

Mensagem enriquecedora que faz estremecer os nossos corações e sentir-nos tão pequeninos!

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Bem haja uma amiga, pelas fraldas que enviou. Mais 2.000\$00 para o sr. Rogério. Da assinante 7924, 3.000\$00. Da assinante 5193, de Espinho, 3.000\$00. Assinante 8896, 2.000\$00. A muito amiga e sempre desejada J. R. D. com 4.000\$00. De um anónimo, 10.000\$00. Da amiga Rosa, já falecida, e que Deus a tenha junto d'Ele, 15.000\$00. Para Lfgia, de Fiães, um abraço de todos os vicentinos. «AD», de Leiria, 10.000\$00.

Casal vicentino

Notícias de Moçambique

Contrastes

Moçambique, terra de grandes contrastes!

Por esse Mundo fora, ao ouvir falar de Moçambique, retratam um país de miséria, guerra, seca, fome, doença e tudo negativo. Certo. Mas talvez nem imaginem a riqueza que existe neste país!



Não estou a falar da riqueza de coração. Esta, graças a Deus, existe, e é o nosso apoio, no coração destes Pobres, sofridos pelas consequências dos quatro «amigos» inseparáveis: Guerra, Seca, Fome e Doença!...

Existem, sim, muitos ricos neste país. É só ir à cidade e ver os automóveis. Acreditem que nunca vi uma cidade tão «recheada» de veículos de último modelo, novos e luxuosos.

Pergunto: — O que se passa e está a acontecer para que a riqueza material tenda só para uma minoria egoísta e exploradora? Num país assim, esta desigualdade e injustiça é mais relevante.

É triste sentirmos que a maior parte da riqueza provém da grande exploração ao mais pobre. Aí, em Portugal, já imaginaram ter um vencimento mensal de 3.000\$00 e um saco de farinha, a alimentação base daqui, custar 5.000\$00? Para uma família com dez pessoas a alimentar, só chega para quinze dias, se for bem governada. Então, onde está o dinheiro para comprar óleo, açúcar, pão, sem falar da carne e do peixe?!

É uma dor muito grande, para mim, ver este contraste quase todos os dias. Vamos a escritórios, empresas, casas de habitação... é um luxo! Para acabar, ainda vem o cafézinho na bandeja do empregado. Isto é triste, sabendo que, mesmo à porta, há centenas a pedir esmola, e a uns quilómetros, em redor, milhares de palhotas que são os únicos «palácios do nosso povo... a maioria».

Carlos Roda

dependem de micro-empresas locais:

— O latoeiro escreveu com pedras, entre os baldes e alguidares: «Vende-se tudo».

— O sapateiro já tem dois aprendizes e estão cinco pares de sapatos a secar.

— A carpintaria não tem mãos a medir.

— À sala de costura chegam encomendas de bainhas para as capulanas entre as aulas de corte e costura.

Na semana passada o Administrador do Distrito veio à inauguração da padaria e concluiu que ganha menos do que os sócios da fábrica de blocos de cimento, da Aldeia.

Chegámos, aqui, treze voluntários vindos de Portugal com vontade de transformar as nossas vidas e as dos que aqui estão. A pouco e pouco, tal com a gente de Massaca, vamos compreendendo que toda a passividade é desumana.

Dizia Paulo VI que o mundo se transformou numa imensa parábola de Lázaro, o leproso; no entanto, ao rico tudo foi dado para poder e querer modificar as condições do pobre, para quem só sobravam migalhas.

Aquilo que aqui vemos não diz só respeito às relações entre ricos e pobres, entre Norte e Sul, diz também respeito à nossa vida em Portugal, à injustiça que deixamos passar, à incapacidade que sentimos de ter uma vida mais humana.

A salvação foi-nos dada para que a nossa alegria seja completa.

Maria da Luz (ONG — VIDA)

BENGUELA

O pão de cada dia

Queremos para nós o pão de cada dia. Não descansaremos enquanto os que nos rodeiam não o tiverem. Tudo havemos de fazer para que o número de famintos diminua, que agora os miseráveis são maioria.

A situação deste povo, que diariamente temos diante dos olhos, é preocupante. Vemo-lo, pelo menos na aparência, um povo feliz a viver na miséria. Que se passa, então? Uma coisa terrível: a desgraça é tamanha e com um peso tão grande que a sensibilidade, para uma vida melhor, está abalada. É a sorte daqueles de quem a miséria tomou conta e é senhora. É uma vida infra-humana que é necessário salvar, acordando-a primeiro do sono forçado em que caíu.

Está aqui um trabalho apaixonante para o educador. É basicamente um serviço de educação integral. E se todo

o técnico de educação é aquele que ama, então há que fazer um investimento humano que tenha como alma a Caridade; o amor essencialmente gratuito que é paciente, compreensivo, aberto, acolhedor, sacrificado. Não vemos outro caminho, nem outra força capaz de libertar, salvando esta gente.

De momento andamos ocupados com a sustentação de centena e meia de pessoas, dando trabalho aos pais para que não falte aos filhos o pão de cada dia. É uma aventura em que nos metemos, confiados em que, gastando deste modo o que nos dais, há-de render a ponto de não nos faltar o necessário para vivermos. Assim, enquanto estamos a preparar a Casa para os filhos da Rua, prevenimos novas desgraças e seguramos aqueles que ainda estão de pé para que a torrente dos filhos da miséria não venha a engrossar mais.

Um apelo à Igreja de Portugal

Há poucos dias, estiveram entre nós três especialistas em matérias de muita responsabilidade. Andaram por aqui e por acolá. Puderam ver à vontade tudo o que quiseram. Percorreram a cidade e os bairros suburbanos. Foram um pouco mais dentro da zona. No fim dizia-me um deles: — Quando se fala da pobreza na Europa ocidental, depois de ver o que nossos olhos toparam, é uma «anedota». Esta expressão é forte, mas traduz bem a impressão causada pelo espectáculo de crianças que vivem como se não houvesse futuro melhor à sua frente. Que terreno formidável para semear humanidade! Onde os operários para uma messe pronta, pronta para a colheita?! Quanto mais tempo de espera mais riscos de se perder... Porquê tanto medo?! Será que o Senhor silenciou os seus apelos? Não; a falta de fé

rouba a coragem para dar o salto por cima de todas as barreiras. Mais um apelo à Igreja que está em Portugal; aos seus movimentos e obras; aos cristãos disponíveis, mas apenas amarrados às seguranças que criaram e sem forças para se libertarem delas, buscando a Segurança que Deus garante: o cem por um do investimento das suas vidas ao serviço desta gente que não tem segurança nenhuma.

Falo à Igreja que está em Portugal porque lhe cabe uma responsabilidade peculiar: muito do seu sangue regou esta terra; há uma ligação histórica que gerou laços à maneira duma família, donde nasce também a obrigação de caridade e justiça para com este povo.

Não é uma franja social que está em causa. É a maioria absoluta dum povo que nesta hora ergue as mãos a pedir ajuda!

Padre Manuel António

Treze voluntários vindos de Portugal

Massaca I é uma Aldeia de palhotas com 8000 habitantes.

Nesta zona não há caníon nem capim. Da planície árida, o povo à procura de algum dinheiro arrancou todas as árvores e arbustos.

Pela manhã levanta-se a poeira cor de sangue; até ao cair da noite nada vai escapar ao vento que enche as caras dos meninos e sopra dentro das palhotas.

Aqui, todas as famílias têm alguém que sofre de malária, outros bilharziose, todos com diarreia, fezes com sangue e lombrigas.

Sentado à porta da sua palhota inclinada pelo vento e pelo peso do capim podre, o chefe da família, calmo, numa voz que parece contar histórias antigas, vai dizendo quem sofre desta ou daquela doença.

Quando perguntamos o que come, fica baralhado sem saber o que responder.

— Ucha? — perguntamos.

Então, toda a família ri, como crianças; e, envergonhado, ele repete: «Ucha, sim». Farinha com água: ucha!

Mantas para o frio só há uma pendurada no cordel estendido que serve de armário na palhota limpa e varrida, apesar de ali dormirem mais de dez pessoas.

Entre as mil palhotas, espalhadas como destroços, está a Casa do Gaiato de Maputo.

Na «Casa do Padre», como é conhecida, vivem o Padre José Maria, a Irmã Quitéria, quarenta rapazes que vieram da Rua e um voluntário português, o Carlos.

Os meninos viviam do crime, da esmola e da curta caridade de quem passa. Fazem todas as tarefas da Casa e estudam com gosto.

Mas, como para o Padre José Maria e a Irmã Quitéria nada é curto, também a Aldeia foi transformada. Hoje, quarenta famílias, tantas como os meninos,

Ecoss d'África

Continuação da página 1

queixa de ser o único que não tem correspondência; mas ele que escreva que tem muito quem leia».

Quase todos os dons que nos chegam vêm neste contexto de compreensão das dificuldades e de preocupação espiritual: «Que Deus dê desprendimento a muitas pessoas para se dedicarem a tão nobre missão» — diz uma Celeste, de Ermesinde. «Com uma oração ao Senhor para que abençoe e frutifique abundantemente o trabalho em

África» — é a legenda de uma oferta de Gramaços. «Eu sei que é muito pouco para tão grandes obras — escreve a Florinda e marido — é apenas um bocadinho de pão para quem nada tem; e se o Pai do Céu nos ajudar, não será o último; nós iremos repartindo». «Aprecio muito a coragem dos que foram para Moçambique, pois eu que já lá estive, sei o que é sentir amizade por essas terras e essa gente tão carecida de amor. Que Deus os abençoe e ajude em tantos trabalhos e dedicação a esses cristos mutilados e famintos de pão e

SETÚBAL

Continuação da página 1

A esperança de fazer dele um homem esfumava-se tenuamente.

Ao chegar a Casa, «Bê» vem logo sossegar-me: — Já está aí! Não perguntei nada. Ambos sabíamos do que se tratava. A dor era comum e a alegria também.

Depois do jantar, «Bê» bate as palmas, manda calar e chama ao meio do réu, o queixoso e as testemunhas!

Uma análise pormenorizada a tudo, tendo em vista sempre a verdade e a justiça, banhadas pela misericórdia, na formação da consciência dos actores e dos espectadores!

Não disse palavra! Não foi preciso. Recolhi-me na Capela a gozar em acção de graças a sabedoria divina, tão presente e tão viva neste tribunal.

A história dos três arrebatava-me. «Bê» dormiu com um irmão e o pai bêbado, durante quatro anos, num carro velho nas ruas de Lisboa. «Vinagre» não tem pai e a sua mãe gerou muitos filhos de vários progenitores. «Bandulha» andava pelas feiras e foi-me entregue pela justiça dos homens! Eles foram os meus salmos, as minhas antifonas e o meu magnificat mais a minha confissão das completas e vésperas daquela noite diante do Santíssimo!

Padre Acílio

palavras que os confortem» — lemos em carta de Albergaria-a-Velha.

Presenças de igual teor, chegam de Coimbra e de Mangualde e de Queluz e de Rio Tinto e de Santo Tirso e de Lisboa e do Porto e no Lar do Porto e no Espelho da Moda.

Sensibiliza-nos a atenção prestada a apelos de pequeninos bens supérfluos, que podem compensar um pouco as imensas carências do essencial — e a consequente dureza da vida — como foi o de uma máquina de café vindo de Malanje, o qual já teve duas respostas de outros tantos Amigos, de Gaia e de Castanheira de Pera.

E que dizer da delicadeza deste ancião de 83 anos, que acompanha o seu dom deste pedido?: «Peço anonimato e o favor de não se incomodarem a agradecer o que não merece ser agradecido, pois é um imperativo de consciência e de coração». Ou deste, que contempla a Casa de Malanje e acrescenta: «Escusado dizer que continuo sempre convosco através da leitura do Famoso, de que não passa uma linha que não seja por mim vasculhada?» Ou da amizade expressa neste voto?: «Termino, pedindo a Deus que a vossa Obra consiga ser o fermento do grande amor pelos Outros de que o mundo e os homens tanto precisam».

A Associação ÁFRICA SOLIDARIEDADE deu sinal de si, duas vezes já. E também um General muito amigo que quebra «hoje uma tradição de só nos correspondermos pelo Natal. Talvez o interesse mais atento ao vosso regresso a África tenha constituído motivo

Vistas de dentro

O «Ricky»

Estava a tomar o pequeno-almoço quando o «Ricky» entrou de mansinho e me foi dar um beijo na face. Soube-me muito bem aquele bom dia.

O «Ricky» foi abandonado, em pequenino, pelos pais e entregue a uma família canadiana, que, entretanto, teve de regressar à sua pátria.

Na véspera do beijo do «Ricky», tinha presenciado uma cena um tanto esquisita. Estava a chorar e foi tomar banho na piscina, todo vestido. Os mais velhos cuidavam dele e quando a senhora que procura ser a mãe o foi buscar, atirou-se ao chão; já todo nu e aos gritos agredia-se a si próprio! Com voz alta chamei-o e, olhando para mim, quedou-se. Só mais tarde aceitou a mão da senhora-mãe e acompanhou-a até mudar de roupa.

No dia anterior o «Ricky» andou o dia calçado. Calças compridas, camisa floreada e gravata colorida. A compor o estrabismo dos olhos trazia uns óculos sem lentes. Um modeló encantador. Deus nos ensine a ajudar o «Ricky» a ser homem.

Sinal de fé e confiança

Quando à meia tarde entrei na Capela encontrei três homens de pé frente ao altar. Estiveram bastante tempo em oração. No fim, um deles ajoelhou junto da sepultura de Padre Américo e com a mão tocou na cruz de pedra. Orou uns momentos e cada um se retirou, fazendo genuflexão ao Santíssimo e benzendo-se muito bem. Cá fora vi os três bem vestidos e o carro bom em que partiram.

Eu creio na Comunhão dos Santos. A oração longa e silenciosa destes homens é testemunho de sua fé. Mostravam que acreditam na presença de Deus e na presença viva de Jesus Cristo no sacrário. Ajoelharam. Crêem na Comunhão dos Santos e pedem a intercessão de Padre Américo.

Creemos em Deus Pai criador do Céu e da Terra. E porque acreditamos, aceitamos o «Ricky», o Nandinho, o Eduardo, a Maria Alice, o «Sem-nome» e todos os outros.

A oração destes três homens foi para mim um sinal de fé e confiança. Deus — e só Ele — faz maravilhas. Serve-Se de nós como instrumentos.

Padre Horácio

para esta carta. Esse regresso é um acto de fé, mas também de muita coragem humana. Até, em minha opinião, de risco, já que pode enfraquecer a vossa acção em Portugal. Compreenda que isto não é uma crítica, mas a minha formação joga sempre na concen-

tração de esforços e de meios. Deus vos ajude».

Há-de ajudar — assim o esperamos. Até no reforço da unidade, apesar de... e justamente por causa da dispersão. Deus multiplicará para nós dividirmos.

Padre Carlos

Novos Assinantes

Acento tónico na Família

É fascinante a correspondência de novos assinantes! Foi sempre. São almas cheias!

Gostaríamos de citar todas as mensagens. Mas, diante de nós, há centenas de presenças e a gente *perde-se* na multidão!

O pequenino Bruno, da Senhora da Hora, vai à frente e comunica pela sua caligrafia infantil tão certinha!: «Tenho sete anos. Um abraço aos meus amigos da Casa do Gaiato. O meu avô envia um cheque para a minha assinatura. Mandem-me o Famoso!»

Como outros que principiam bem cedo a ler O GAIATO, o Bruno não arrefecerá a sua paixão. Amanhã, maior e responsável, aplicará na vida o que de melhor o Famoso transmite, em linguagem que toda a gente entende: o amor aos Outros, aos Pobres.

Curiosamente, a *procissão*, resumida ao essencial, tem dois vectores: a acção dos pais e avós sobre filhos e netos. Acento tónico na Família!

Covilhã: «Quero fazer da minha netinha — que tem nove anos — assinante d'O GAIATO. Ela gosta muito de ler. E eu de lhe inculir o gosto pela leitura do vosso Jornal».

Lisboa: «Venho indicar mais uma assinante que me toca muito por se tratar da minha primeira neta. A sua mãe, assinante praticamente desde que nasceu, foi inscrita pelo meu pai que o Senhor chamou. Que esta chama de amor pelo Famoso e pela Casa do Gaiato, que recebi do meu pai e tentei transmitir à minha filha, possa continuar — é o que mais desejo».

Vila Nova de Gaia: «Como o meu netinho fez cinco anos e começa agora a aprender a ler, desejo oferecer-lhe uma assinatura d'O GAIATO para ver como há crianças pobres, abandonadas e que, depois, se fazem homens de bem nas Casas do Gaiato onde são tratados com amor e carinho — que lhes faltou no seio da família».

Agora, vêm lá os pais, mãos dadas à sua prole: «Peço para enviarem O GAIATO a minhas filhas. Sei que receberão com agrado o vosso Jornal», afirma um deles — remetido ao anonimato.

Espinho: «Sou funcionária dos TLP e fico sempre com o jornal que me é entregue, lá no serviço, por um gaiato. Mas quero que o meu filho seja assinante. Tem onze anos. Está na hora de conhecer os problemas doutras crianças. Que Deus o guie para que ajude sempre os que mais precisam».

Muita gente leva o Famoso para todo o lado

Registamos, também, a presença de muita gente que leva o Famoso para todo o lado.

«Este é o resultado da venda dum «jornalinho» feito pelos meus alunos a pensarem nos da Casa do Gaiato. Mesmo sem os terem conhecido pessoalmente, já eles se sentiam algo ligados. Falei muito dos vossos meninos e ficaram sensíveis. Tendo visto também uma reportagem na Televisão, acerca dos que tendes em Moçambique, sugeriram que também fosse repartido com estes. Sabemos que a soma é pequena (20.000\$00), mas a

«Amiga anónima», por exemplo, traz «dois jovens que tenho esperança adquiram o sentido de amor ao Próximo — pela leitura d'O GAIATO».

Não faltam emigrantes, na *procissão*! Elizabeth (América do Norte): «Sou um emigrante, mourejando por estas terras longínquas. Em Maio, estive em Portugal. Um dia, ao passar em Coimbra, um miúdo ofereceu-me O GAIATO do Padre Américo, do qual me lembro, ainda, quando era jovem. Li-o. Gostei. Mandem-mo pelo correio».

Sendo muitas as comunidades onde o pequenino mensageiro é leitura assídua de cristãos e homens e mulheres de boa vontade, eis a presença dum pároco minhoto — em nome dos paroquianos: «Estive em vossa Casa com um grupo de crianças da Catequese e respectivos catequistas. Uma experiência muito positiva, que foi transmitida na comunidade paroquial e, como fruto, surgiu a partilha. Certos que o Senhor abençoa o trabalho da Obra da Rua, ficamos unidos em Cristo — o bom Samaritano».

Boas notícias!

Com vista aos CTT

Especialmente durante a época estival, recebemos maior quantidade de jornais devolvidos pelos CTT. Por ausência de assinantes, em férias, ou mudança de habituais distribuidores do correio.

Ao longo do ano, o maior número deve-se à evolução urbana: novas toponímias, números de polícia, etc.

Neste caso, especialmente em regiões suburbanas, temos assinantes que não comunicam a mudança de endereços (!) e alguns novos carteiros, talvez ocupados em giros trabalhosos, remetem os jornais à procedência.

Há, porém, um pequenino grupo de chefes de CTFs — por amizade e cumprindo zelosamente a sua função — que nos solicitam a relação de assinantes da respectiva área para actualização de moradas. Acontece com Praia da Granja, Gondomar, Barcelos e outras localidades. Vale a pena citar o supervisor da distribuição postal, em Espinho: «Agradeço o envio duma listagem com o nome e morada dos vossos assinantes, a fim de serem rectificadas — para evitar possíveis devoluções. Aguardo resposta breve».

Uma solução para boa parte do problema! E quem dera esta sugestão fosse adoptada, a nível nacional, com a chancela da Administração Geral dos CTT.

Júlio Mendes

A Escola viveiro de amor aos Outros

boa intenção é grande. Podem geri-lo como bem entenderem.

Gostaria, se possível, publicassem uma referência no vosso jornal, como sendo uma oferta dos alunos da 4ª

classe da Escola nº 88 da Foz do Douro. Isto porque, assim, as suas famílias (assinantes do vosso «precioso» jornal) tomariam conhecimento de que tinha sido entregue.

Estava tudo programado para irmos aí entregar, pessoalmente; só que a chuva, nesse dia, não nos deixou e não mais o pudemos fazer!

Um abraço em meu nome e dos meus alunos.

Muito obrigado.

Assinante 31703»

Tribuna de Coimbra

Mais um «tribuno»

É por graça do Céu que pela primeira vez tomo a palavra nesta «Tribuna». Por graça do Céu e por obrigação que dimana da responsabilidade que doravante sobre mim impende nesta Casa do Gaiato.

Padre Horácio achava que o título tinha os dias contados. Nem uma coisa nem outra — disse eu. Dissessem, então, os senhores da Imprensa... Eles, pelos vistos, confirmaram a tradição. Espero que os leitores também. Por conseguinte, continuarão os senhores leitores da «Tribuna de Coimbra» a contar com ela e, nela, com mais um «tribuno», que Padre Horácio, por via de experiência e saber adquiridos em mais de quarenta anos no complexo mundo dos Pobres de Coimbra e das Beiras, não se dispensa nem se reforma.

Subo para pedir, que outra coisa não devo fazer para começar. Peço por amor e por obrigação, não vá alguém acusar-me de negligência. Claro, subo a tremar, não por vergonha de pedir, mas temo que o que peço não brote totalmente daquela fonte certa — o Mandato do Mestre: «Pedi e receberéis...», a única Palavra capaz de fazer com que os que pedem não temam a força dos que têm e os que dão sejam os verdadeiros pedintes.

O meu pedir vai de olhos postos no Hugo — o senhor do meu pedir.

Ele nasceu de uma ligação afectiva efémera. Logo foi abandonado. Conheceu a primeira rejeição no colo de uma adolescente de 17 anos — a sua mãe. Depois de confiado, provisoriamente, a um casal amigo do pai que o gerou, foi, impunemente, por este esquecido. O esquecimento, a segunda rejeição. Este casal a braços com os problemas dos seus, também eles pequenos e de fracos recursos, no fim de algum tempo foi entregá-lo à avó materna que, por sua vez, o remeteu à procedência. Mais rejeição, mais abandono. Entrou a Assistência Social que no-lo confiou — Casa do Gaiato, seu verdadeiro ninho.

Um adorável garoto de nove anos. Nervoso; experiência de Rua e outros quejandos; uma experiência de quilate. Desconfiado no olhar e no sorrir. Ao mínimo gesto de afeição fica hirto e entrincheirado na sua desconfiança — a sua grande defesa. Curiosamente, em todo este processo de evolutivas

rejeições permanece, judicialmente, defendido, que o exercício do poder paternal é cometido ao pai...

Há dias, o miúdo veio queixar-se de uma queda. Pareceu-me ser coisa pouco grave, como veio, aliás, a verificar-se. Uma pomada na pisadela e assunto arrumado. Passou um dia e depois outro e ainda outro e o miúdo, ansioso, à noite, voltava a queixar-se da sua feridinha... Por fim, era uma queixa ingénuo, sorridente e olhar feliz.

Percebi o que se tinha passado. Tu também, certamente. Voltou a acordar, nele, o carinho que as sucessivas rejeições de que fora objecto tinham transformado em desconfiança, incerteza, e, quem sabe?, daqui a alguns anos em ódio: capacidade de roubar e até de matar.

O Hugo ainda me vem procurar, de vez em quando. Já não mostra a sua feridita, mas sim um lindo sorriso.

Fazer justiça

Quantos Hugos aqui não tenho! Esses mesmos que hoje fazem este meu pedir... Nesta Casa são cerca de

noventa. Rapazes quase todos tão pequenos e frágeis. Tantos deles com a boca estragada. Problemas de visão, de audição e outros que me escapam, pela falta de jeito e saber. Eu sei que há a saúde pública e que favores não devo, apesar da obrigação que ela tem em me atender prontamente!... Também sei que há muitos consultórios bem apetrechados, onde os meus podiam contar com um pouco de tempo e atenção. Basta que Coimbra abra algumas portas... três dentistas; uma hora por semana para um ou dois. Mesmo que fosse no fim de todos. E, depois, a alegria, a gratuidade destes encontros, com o miúdo da Rua, sem preço. A contabilidade do Pai do Céu!

Eu tenho obrigação de pedir. Tu de dar; de fazer justiça. Façamo-la juntos pelo garoto da Rua. Não se pode subir a uma tribuna senão para pregar a justiça, para que se faça justiça.

O meu Hugo, o meu pedir, a tua obrigação de dar são motivos suficientes para me abrires a porta. Eu fico à espera.

Padre João

Malanje

Continuação da página 1

serralharia; o M. dos Santos acaba os suportes para o estendal da roupa. Na carpintaria, o Mário acaba o lindo balcão do bar.

O «Belotas» apanhou uma ave de rapina e, cheio de alegria, foi metê-la na casota das pombas...! Vejam só! Dois dias que as pobres, espavoridas, ficaram nos telhados.

Temos uma cabrinha vivaça e ladina. Vai ter filhote. Habitou-se à nossa vida e a nós. A sua presença desinibida enche a Aldeia.

Também uma gansa. Afeiçãoou-se de tal modo ao «Pomba» que o acompanha para toda a parte!

Um senhor ofereceu quatro vitelinhos que ficaram sem mãe. Amadeu e Malazar estão a criá-los com os recursos de que dispomos, pois falta o leite próprio.

Chegaram os dois contentores com portas, janelas e madeira. Nos intervalos algum arroz, feijão, açúcar, atum, sardinha e alguns mimos. Que jeito e que bom!

• Acabámos o primeiro parque do gado. Deitámos fogo ao capinzal alto e ressequido. Ficaram, aqui e ali, tições fumegantes. São bem a imagem do «Povo sofredor». Pensei, ao olhá-los, nos grupos de mulheres descalças que todos os dias carregam lenha e carvão para a cidade.

«Vi o povo pagando a preço de ouro a água que bebia, e gastando muito dinheiro pela lenha que usava». Sim, o poder maléfico das armas transformou este povo de Yahvé.

Porém, em pouco tempo, os campos ficarão verdes e as árvores revestidas de novas folhas!

Deus tem os Seus caminhos... Caminhemos na Esperança.
Padre Telmo



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239